



## **OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA E PESQUISA-AÇÃO: APLICAÇÕES NA PESQUISA E NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

Renata Machado de Assis Gori<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo se propõe a abordar a observação participante e a pesquisa-ação enquanto opções metodológicas de pesquisa, que procedem de uma busca alternativa ao padrão de pesquisa convencional. O contexto educacional é explicitado como um *locus* destes tipos de pesquisa, no qual a intervenção educativa pode ser viabilizada através do diagnóstico da realidade, construindo estratégias de ação e organizando o coletivo em prol de uma reestruturação da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa participante, pesquisa-ação, educação.

---

**ABSTRACT:** This article intends to approach participant observation and action-research as methodological options of research, that come from an alternative search for the standard of conventional research. The educational context is explicitated as a *locus* of these research types, in which the educational intervention might be made possible through the diagnosis of the reality, building action strategies and organizing the collective body on the behalf of a restructuration of education.

**KEY WORDS:** Participant research, action-research, education.

---

Para que esta sistematização de idéias consiga atingir o objetivo de discorrer sobre a observação participante e a pesquisa-ação enquanto opções metodológicas de pesquisa e com função de intervenção no contexto escolar, é necessário, inicialmente, contextualizá-las no campo das Ciências Sociais e da Educação.

A pesquisa contemporânea vem manifestando um certo “cansaço” metodológico no que se refere a métodos e técnicas aplicados à investigação em Ciências Sociais e, especificamente, na Educação. Os procedimentos adotados, prioritariamente empiristas e positivistas, têm se utilizado da investigação de campo para adaptar a realidade encontrada aos métodos selecionados para produzir ciência, ou seja, parte-se do método para a realidade,

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Educação Física do Campus Avançado de Jataí, Universidade Federal de Goiás; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: renata@jatainet.com.br

adaptando-se as informações coletadas aos moldes metodológicos e ao referencial teórico adotados. (DEMO, 1995)

A conseqüência disto é a vasta produção teórica que tem feito “diagnósticos” sobre a população envolvida na pesquisa, demonstrando desigualdades e problemas sociais que deveriam sofrer intervenção e que, no entanto, na grande maioria dos casos, apenas atendem aos ideais das políticas sociais ao “estudar para não resolver” e ao apontar as fragilidades de um contexto social que, a cada dia, se torna mais vulnerável às políticas públicas. Isto se dá, em primeiro lugar, em função da supervalorização do conhecimento formal como possibilitador de intervenção na realidade, o que segundo DEMO (1995) é uma inverdade, visto que: 1) não é correto afirmar que a intervenção só é possível após o conhecimento adquirido; e 2) nem sempre conhecer implica querer mudar. E em segundo lugar, o cientista produz para o sistema tudo o que é desejado para manter o controle social, tornando-se útil à manutenção da ordem vigente e comprometendo a neutralidade científica ao apresentar os resultados vislumbrados pelo “lado de fora” do *locus* da pesquisa.

Diante dessa pretensa “neutralidade” e seriedade científica que ocupa, em grande percentual, as prateleiras de bibliotecas de nossas universidades brasileiras, a pesquisa participante e a pesquisa-ação emergiram com credibilidade no âmbito educacional, apoiados no paradigma crítico-dialético de produção científica, caracterizando o compromisso com a Educação por parte de alguns pesquisadores. Esta “metodologia alternativa” vem tomando espaço na área educacional desde 1975, mais ou menos.

A pesquisa participante é classificada por DEMO (1995) como uma “metodologia alternativa”, sedimentada em uma avaliação qualitativa das manifestações sociais, comprometida com intervenções que contemplam o *autodiagnóstico* (conhecimento, acumulação e sistematização dos dados); a construção de *estratégia de enfrentamento* prático dos problemas detectados e a *organização política* da comunidade como meio e fim.

Alguns autores, dentre eles DEMO (1995) e LE BOTERF (1985), não fazem distinção entre pesquisa participante e pesquisa-ação. Por outro lado, THIOLENT (2000) as diferencia, mas esclarece que não há unanimidade nesta denominação. Segundo este autor, a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma ação planejada (social, educacional, técnica, etc.) que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante. Para ele, todo tipo de pesquisa-ação é do tipo participativo, pois a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária; mas nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação, visto que em alguns casos os pesquisadores se envolvem com os sujeitos

apenas com a finalidade de serem bem aceitos pelo grupo, ou seja, realizam uma “observação participante”. Mas estes autores coincidem na afirmação de que tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante procedem de uma busca alternativa ao padrão de pesquisa convencional.

Ao adotar esta metodologia de pesquisa, a atitude dos pesquisadores deve ser sempre de “escuta” e de elucidação dos diversos aspectos da situação, sem imposição de suas concepções próprias.

Os objetivos da pesquisa-ação, no entender de THIOLENT (2000), podem ser: 1) instrumental, quando visa resolver um problema prático, de ordem técnica; 2) de tomada de consciência, quando visa desenvolver a consciência coletiva a respeito de problemas enfrentados; e 3) de produção de conhecimento, que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local. Pode-se enfatizar os três aspectos mas, geralmente, um ou outro é alcançado em detrimento dos outros, mas pode ser que se alcance os três mediante um maior amadurecimento metodológico.

A pesquisa participante, para GAJARDO (1985, p. 40),

*reconhece as implicações políticas e ideológicas subjacentes a qualquer prática social, seja ela de pesquisa ou de finalidades educativas, e propugna pela mobilização de grupos e organizações para a transformação da realidade social ou para o desenvolvimento de ações que redundem em benefício coletivo.*

No entender desta autora, o enfoque que enfatiza a produção e comunicação de conhecimentos, propõe os seguintes objetivos, metodologicamente organizados: 1) promover a produção coletiva de conhecimentos, rompendo com o monopólio do saber e da informação; 2) promover a análise coletiva do ordenamento da informação e da utilização que dela se pode fazer; 3) promover a análise crítica, utilizando as informações para determinar as causas dos problemas e as possibilidades de solução; 4) estabelecer relações entre os problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções coletivas aos problemas enfrentados.

Para TRIVIÑOS (1987), em determinados contextos a pesquisa participante não alcança expressões que possam enriquecer a ciência social devido ao envolvimento excessivo entre “investigadores” e “investigados”, apesar de conseguirem alcançar resultados ótimos

para o desenvolvimento da comunidade. THIOLENT (2000) afirma que há dois riscos principais: o da manipulação quando não há interrogação acerca dos pesquisadores intervenientes; e o fato de chegar-se a muita participação e pouco conhecimento. Este autor alerta para a manutenção de algumas condições de pesquisa e algumas exigências de conhecimento associadas ao ideal científico, pois este tipo de investigação torna-se insuficiente quando desprovido de questionamento próprio à pesquisa científica. Também OLIVEIRA e OLIVEIRA (1984) reforçam que o pesquisador, ao invés de se preocupar somente com a explicação dos fenômenos sociais, depois de ocorridos, deve utilizar-se deste tipo de pesquisa como forma de favorecer a aquisição de um conhecimento e de uma consciência crítica do processo de transformação pelo grupo que vivencia este processo, *para que ele possa assumir, de forma cada vez mais lúcida e autônoma, seu papel de protagonista e ator social* (p. 27). A postura deste pesquisador deve ser dupla, no entender dos autores citados: de observador crítico e de participante ativo.

Na área educacional, a pesquisa-ação tem como “criador” deste estilo alternativo de pesquisa e ação educativa, em toda a América Latina, Paulo Freire (GAJARDO, 1985). Buscando investigar a “realidade concreta”, diante de problemas que enfrentamos na prática docente (políticos e ideológicos e não apenas epistemológicos, pedagógicos ou das ciências sociais), FREIRE (1984) propõe um método de pesquisa alternativa em que se aprende a fazer melhor esta pesquisa através da ação. No entender do autor, fazendo pesquisa-ação, o pesquisador educa e está ao mesmo tempo se educando. E voltando à área para colocar em prática os resultados da pesquisa, ele está, além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente e dinâmico movimento de pesquisar e educar.

No setor formal de educação (ensino fundamental e médio) a aplicação da pesquisa participativa e da pesquisa-ação é mais rara e difícil, devido às resistências institucionais e hábitos professorais, mas atualmente o espaço vem se ampliando, inclusive com apoio institucional, provavelmente devido às desilusões de muitos profissionais com os métodos de pesquisa convencionais.

A pesquisa-ação promove a participação de integrantes do contexto escolar na busca de solução para os seus problemas, observando, descrevendo e planejando ações (THIOLENT, 2000). A relevância deste método de pesquisa e da pesquisa participante em educação é, segundo FREIRE (1987), interferir na ordem social, uma vez que toda ação cultural é *sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de*

*transformá-la* (p.178). Para este autor, ação cultural ou está a serviço da dominação ou a serviço da libertação dos homens. Ao escrever “Pedagogia do Oprimido”, FREIRE (1987) reforça a necessidade de se criar uma teoria de ação para os oprimidos, visto que os opressores, para oprimir, utilizam-se da teoria da ação opressora. A intenção é que se crie uma prática dialógica na escola, visando a práxis libertadora.

A tarefa mais desafiante que a pesquisa-ação poderia assumir no contexto educacional, segundo BASTOS (1995), é o da reconstrução curricular do sistema escolar. Nesta reconstrução a pesquisa estaria inserida em um processo de caráter conscientizador e comunicativo. As idéias seriam expostas a um processo de reciclagem, operacionalizada pelos envolvidos, diferenciando-as da maioria das ações docentes guiadas por suposições apenas teóricas. O autor sugere o desenvolvimento de uma ciência educativa crítica que não seria pesquisa *sobre* a educação e sim pesquisa *para* a educação, visando a prática educacional emancipatória.

No entanto, o que se tem percebido atualmente no Brasil, em termos de pesquisas aplicadas à educação, é que: 1) há um desvinculamento das universidades (pólos das pesquisas atuais) com os níveis básicos de ensino; 2) há um distanciamento das universidades em relação aos problemas práticos; 3) há uma visão idealizada e teórica da universidade sobre o ensino; 4) as pesquisas têm adotado características muito teóricas; 5) há uma falta de divulgação dos resultados das pesquisas; 6) há dificuldade em conciliar teoria e prática; 7) há rigidez no sistema educacional na absorção de propostas inovadoras; 8) a pesquisa não tem o incentivo merecido por parte de alguns segmentos governamentais. (GATTI, 2001)

Para BECKER (1994), é preciso que a pesquisa qualitativa adote um caráter mais “científico” e menos “artístico”, propiciando à população o acesso aos dados analisados e à produção científica que vem sendo realizada.

No campo da Educação Física, FERREIRA (1995) aponta três principais paradigmas que norteiam o desenvolvimento das pesquisas: o empírico-analítico, que se apóia na visão positivista da realidade social e do comportamento humano; o interpretativo, que provém da ciência hermenêutica; e as metodologias críticas, que visam à emancipação humana de toda a opressão e se alimenta de interpretações do marxismo, neo-marxismo e teoria crítica (Escola de Frankfurt). O autor cita como três recentes desenvolvimentos nesta matriz teórica a pesquisa-ação, a pesquisa participante e a análise sócio-histórica de currículos de Educação Física.

Também neste sentido FARIA JÚNIOR (1992) classifica em três grupos os paradigmas que desafiam as classificações tradicionais de pesquisa: empírico-analítico; fenomenológico-hermenêutico; e crítico-dialético.

Não diferente da área educacional como um todo, a produção científica em Educação Física tem se ocupado com questões “técnicas”, esquecendo-se de que a metodologia da pesquisa não pode se limitar a técnicas de coleta e análise de dados. Em pesquisa realizada sobre a produção científica em Educação Física, FARIA JÚNIOR (1987) citado por SILVA (1997) constatou que, entre 1975 e 1984, o maior número de produções estava ligado ao enfoque biológico, com ênfase na biometria, seguido pelo enfoque técnico (treinamento desportivo) e pelo enfoque pedagógico (ensino). Apenas um ínfimo percentual possuía enfoque sócio-antropológico e filosófico.

O incremento das preocupações dos pesquisadores com questões de cunho teórico-filosófico está relacionado com o processo de mudanças pelo qual passa a Educação Física a partir dos anos 80. Um importante aspecto que se destaca enquanto contribuição ao estudo da produção científica na área de Educação Física e Esportes no final dos anos 80 e início dos anos 90, foram as teses e dissertações desenvolvidas por profissionais de Educação Física que realizaram seus estudos em programas de pós-graduação de outras áreas do conhecimento, particularmente na Educação, colocando em cheque princípios e pressupostos teórico-filosóficos que durante muitos anos foram hegemônicos nessa área. (SILVA, 1997)

A pesquisa participante e a pesquisa-ação (ambas se utilizam da observação participativa) vêm adquirindo força no campo da pesquisa em Educação Física por se caracterizarem como métodos de pesquisa que inserem o pesquisador no campo investigado, tornando-se parte do universo da pesquisa de campo. Isto é relevante, quando se considera que toda a produção do conhecimento se dá por processos de mediação entre os homens no interior das relações sociais. A intervenção na área de Educação Física deve partir de experiências coletivas que podem ser propiciadas pela pesquisa-ação.

Para DAVID (1998), partir da prática social dos professores de Educação Física supõe basear-se nos elementos concretos que surgem no interior do grupo, na escola, no processo educativo, etc. Mas não se restringe só a isto, pressupõe-se também, resgatar questões de natureza subjetiva e valores sócio-culturais do coletivo envolvido.

A intervenção educativa na escola a partir desta opção metodológica (observação participante e/ou pesquisa-ação) pode ser viabilizada através do diagnóstico de determinada realidade escolar, construindo estratégias de ação e, finalmente, organizando o coletivo em

prol de uma reestruturação educacional. Esta reestruturação pode atingir programas curriculares, planejamento escolar, trabalho coletivo, etc.

Enfim, a partir do momento em que se conhece cotidianamente a realidade investigada, ampliam-se as possibilidades de intervenção realmente significativas. Tanto na pesquisa, de um modo geral, como na escola, a pesquisa-ação e a observação participativa se destacam como metodologias alternativas em busca de uma investigação-intervenção mais crítica e calcada na realidade concreta dos grupos envolvidos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Fábio da Purificação de. **Pesquisa-ação emancipatória e prática educacional dialógica em ciências naturais**. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- DAVID, Nivaldo Antônio Nogueira. Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.1, n.1, p. 59-73, jan./jun. 1998.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: SBDEF. **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física: livro do ano 1991**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992. p. 13-33.
- FERREIRA, Marcelo Guina. Teoria da Educação Física: bases epistemológicas e propostas pedagógicas. In: FERREIRA NETO, Amarílio; GOELLNER, Silvana Vilodre; BRACHT, Valter (Orgs.). **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 193-224.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 34-41.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15-50.

GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, julho 2001.

LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 51-81.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 17-33.

SILVA, Rossana Valéria de Souza e. **Pesquisa em Educação Física**: determinações históricas e implicações epistemológicas. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.